



Primárias nos EUA

Biden e Trump acumulam vitórias na Superterça e ensaiam revanche

— Campanhas dos dois partidos consideram março crucial para a consolidação das duas candidaturas, cada vez mais próximas de se enfrentarem novamente em novembro

WASHINGTON

O presidente Joe Biden e seu antecessor Donald Trump dominaram ontem, sem surpresa, a votação da Superterça, quando 15 Estados americanos decidiram o destino de um terço dos delegados que determinarão as nomeações presidenciais de seus partidos. O controle deles sobre a política dos EUA é tão grande que transformou as primárias democratas e republicanas em formalidade.

Resultados preliminares mostravam ontem que o presidente, sem nenhuma ameaça real, havia vencido em 13 dos 15 Estados que tiveram prévias democratas. Seu rival saiu vitorioso em 11 das 15 disputas republicanas, incluindo Texas, o segundo maior número de delegados do país – 161 – atrás apenas da Califórnia.

As campanhas democrata e republicana já prepararam o primeiro round da luta, uma revanche da eleição de 2020, marcada para 5 de novembro.

A disputa este ano será mais longa, e Biden começa atrás. Pesquisa do *New York Times*/Siena College, publicada no fim de semana, mostrou que Trump lidera (48% a 43%). A popularidade do presidente vem sendo afetada por preocupações com sua idade e pela fratura na base democrata em relação a Israel.

Mas Biden também entra com uma série de vantagens,



Primárias na Califórnia: disputa concentrada entre Biden e Trump

incluindo mais dinheiro em caixa, bons dados econômicos e os quatro julgamentos criminais que pesam sobre Trump. Quentin Fulk, vice-diretor de campanha democrata, disse que os EUA estão diante do “pontapé inicial” da eleição. “Muita gente ainda diz não saber que esta é uma escolha entre Biden e Trump”, afirmou. “Março é o momento de deixar essa escolha bem clara.”

“Qualquer vantagem que eles tenham em termos de tempo, nós a superaremos com a paixão de nossos apoiadores e de nossa capacidade de organização”, disse Chris LaCivita, um dos gerentes da campanha de Trump. “Eles têm um problema de motivação. Não temos.”

Mas Trump tem problemas

“Muita gente ainda diz não saber que esta é uma escolha entre Biden e Trump. Março é o momento de deixar essa escolha bem clara”

Quentin Fulk
Vice-diretor da campanha democrata

legais. Sua equipe ficou feliz na semana passada, quando a Suprema Corte estabeleceu um cronograma para julgar sobre a imunidade do ex-presidente na tentativa de reverter o resultado da eleição de 2020. O caso deverá ser decidido no segundo semestre.

Para os trumpistas, a data-chave é a próxima terça-feira, quando o ex-presidente deve

obter oficialmente a maioria dos delegados e garantir a indicação do partido. Na sexta-feira, o Comitê Nacional Republicano (RNC) deve ratificar o nome de Michael Whatley como presidente, uma escolha de Trump. “Vamos ter 100% de controle da mecânica de que precisamos”, disse LaCivita.

Já o time de Biden considera crucial o discurso sobre o Estado da União, amanhã. Será o maior público do presidente até a convenção democrata, em agosto, e uma chance de convencer os americanos céticos sobre suas realizações. “Após o discurso, a campanha de Biden fará uma demonstração de força, com eventos em Atlanta e na Filadélfia”, disse Fulk.

Em um sinal da vantagem na organização, a campanha de Biden planeja abrir 31 escritórios para as eleições, nos próximos 30 dias, apenas em Wisconsin. Trump nem sequer tem uma equipe formada no Estado.

Os democratas também esperam uma maior cobertura de Trump agora. Para os assessores do presidente, quanto mais Trump, melhor para Biden, segundo eles, porque aumenta a rejeição ao ex-presidente.

DINHEIRO. Uma preocupação que os republicanos não escondem é o fato de Trump estar sendo superado em arrecadação de campanha – e em gas-

tos. Biden e seus aliados já reservaram US\$ 250 milhões em anúncios digitais em agosto.

Enquanto isso, os trumpistas tinham apenas US\$ 20 milhões em caixa, em fevereiro, e estavam torrando US\$ 5 milhões todos os meses para pagar as gigantescas despesas legais do ex-presidente.

Taylor Budowich, um dos arrecadadores de Trump, disse que seu candidato tem uma tarefa política mais fácil, apesar da disparidade financeira. “Biden precisa convencer as pessoas de que o que elas acreditam e sentem não é verdade”, disse Budowich sobre o descontentamento dos eleitores. “Nós temos a tarefa de convencer as pessoas de que isso é verdade, e o homem no comando é responsável por isso.”

CAMPANHA. Trump continuará falando sobre economia, energia e, como ele diz, a “armadilha do governo” contra ele. A imigração também é importante para pressionar os eleitores negros nas grandes cidades, onde tem havido um intenso fluxo migratório vindo da fronteira sul.

É provável que o enrosco de Trump com a Justiça domine os noticiários nas próximas semanas. Mas o processo em Nova York, que começa dia 25, deve ser o único julgamento pré-eleitoral que ele enfrentará. O caso deve durar seis semanas, tirando-o da campanha por dias seguidos. ● **WRT**

Em favor do voto

Taylor Swift estreia na campanha eleitoral

REBECCA DAVIS O'BRIEN
THE NEW YORK TIMES

Após meses de expectativa, Taylor Swift fez ontem finalmente sua primeira incursão nas eleições de 2024, incentivando seus 282 milhões de seguidores no Instagram a votarem nas primárias. A mensagem foi breve e apartidária, e não incluiu nenhum apoio explícito.

A mensagem foi dirigida aos eleitores americanos, principalmente do Estado do Tennessee, onde ela vive. “Gostaria de lembrá-los de votar nas pessoas que mais representam vocês”, escreveu Taylor. “Se ainda não o fizeram, façam hoje (ontem).”

Embora discreta, a mensagem tem potencial para irritar os eleitores de Donald Trump, que nos últimos meses vêm promovendo teorias de que

Taylor faz parte de uma trama elaborada para espalhar a propaganda democrata – uma das conspirações fala em manipulação do Super Bowl, a final da liga de futebol americano, ou um plano para forçar as pessoas a serem vacinadas contra a covid.

INFLUÊNCIA. Uma pessoa do grupo próximo da cantora disse que ela votou pelo correio no Tennessee, antes da Superterça. Taylor, de 34 anos, ainda não apoiou nenhum candidato na eleição de 2024. Em 2020, no entanto, ela se jogou na campanha de Joe Biden – e um novo apoio dela está no topo da lista de desejos dos assessores do presidente america-

no, que enfrenta uma disputa acirrada pela reeleição.

Durante grande parte de sua carreira, Taylor evitou falar de política ou dar declarações comprometedoras. No entanto, em 2018, ela apoiou dois candidatos democratas do Tennessee: o ex-governador Phil Bredesen, que estava concorrendo ao Senado; e Jim Cooper, deputado que já se aposentou. Naquela época, ela também começou a se manifestar em apoio aos direitos da comunidade LGBT+.

Em setembro, no Dia Nacional do Registro de Eleitores, Taylor foi ao Instagram para incentivar seus seguidores a se registrarem para votar, se inscrevendo na Vote.org, a mesma

ONG à qual ela se vinculou ontem. A publicação, que ocorreu no auge da turnê do show *Eras*, provocou um aumento de 35 mil registros, muitos deles de jovens eleitores, segundo a organização.

Taylor Swift tem uma base de fãs fiel. De acordo com pesquisa da Redfield & Wilton Strategies, publicada pela *Newsweek*, em novembro, 18% dos eleitores americanos estavam “mais propensos” ou “significativamente mais propensos” a votarem em um candidato apoiado por ela. Três em cada 10 eleitores com menos de 35 anos disseram que votariam em um candidato apoiado pela cantora. ●